



Marcelo Gustavo Andrade de Souza

TOLERAR É POUCO?

*Por uma filosofia da educação
a partir do conceito de tolerância*

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas
(Educação).

Orientador: Leandro Konder

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 2006.



MARCELO GUSTAVO ANDRADE DE SOUZA

**TOLERAR É POUCO? POR UMA FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO A PARTIR DO CONCEITO DE TOLERÂNCIA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Leandro Augusto Marques Coelho Konder

Orientador
PUC-Rio

Profª. Vera Maria Ferrão Candau

Presidente
PUC-Rio

Prof. Eduardo Jardim de Moraes

PUC-Rio

Profª. Roseli Fischmann

USP

Prof. Jovino Pizzi

UCP

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia e
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 2006.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Marcelo Gustavo Andrade de Souza

Marcelo Andrade é Licenciado e Bacharel em Filosofia, Mestre em Educação e Doutor em Ciências Humanas pela PUC-Rio. Foi bolsista do CNPq nas modalidades de Aperfeiçoamento em Pesquisa, Mestrado e Doutorado. Foi bolsista de Desempenho Acadêmico da CAPES durante o doutorado. Entre 1996 e 2002, integrou o Grupo de Estudos sobre Cotidiano Escolar e Culturas (GECEC) sob a coordenação da Profª. Vera Candau (PUC-Rio). Nos anos de 2001 e 2002, trabalhou como professor na disciplina Filosofia da Educação junto ao Prof. Leandro Konder (PUC-Rio). Desde 1996 é membro do Programa Direitos Humanos, Educação e Cidadania, da Novamerica, organização não-governamental destinada a programas de educação para os direitos humanos. Em 2005, cumpriu o programa de Doutorado no Exterior (SWE), como bolsista do CNPq, na Universidade de Valencia, Espanha, sob a orientação da Profª. Adela Cortina. Atualmente, é professor associado na área de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Tem trabalhado como educador popular e professor de ensino fundamental, médio e superior, tecendo e mantendo relações entre os movimentos sociais, a escola e o mundo acadêmico.

Ficha Catalográfica

Souza, Marcelo Gustavo Andrade de

Tolerar é pouco? Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância / Marcelo Gustavo Andrade de Souza ; orientador: Leandro Konder. – 2006.

315 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Ciências Humanas - Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Inclui bibliografia.

1. Educação – Teses. 2. Tolerância. 3. Banalidade do mal. 4. Ética de mínimos. 5. Educar para a tolerância. I. Konder, Leandro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

AGRADECIMENTOS

Quisera agradecer a muitas pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram na realização deste trabalho, principalmente àqueles e àquelas que me ensinaram a conviver e respeitar as diferenças que dignamente nos constituem como seres humanos.

Em primeiro lugar agradeço à minha família, que tem sido um suporte em diferentes níveis: afetivo, existencial, financeiro e intelectual. Meu mais sincero obrigado à minha esposa, Eliana, pelo companheirismo e cumplicidade durante esta minha trajetória de pesquisa. De fato, foi ela quem amorosamente mais me *tolerou* nos momentos de incertezas e ansiedades. Minha eterna gratidão aos meus irmãos e familiares que me impulsionaram e acolheram de muitas maneiras. Ao César e à Karina, pelo apoio estratégico para sair e chegar ao Rio de Janeiro durante minhas andanças em terras ibéricas. Pelo incentivo, o pensamento positivo, a torcida e o acompanhamento fraterno, agradeço profundamente a Graça, Gerusa, Grasiela, Batista e Gilvânia. A todos os meus quatorze sobrinhos e aos/às cunhados/as, o meu muito obrigado pela grande torcida. Quisera também dizer muito obrigado à minha mãe, que me viu começar este doutoramento e, creio eu, acompanha agora de outra maneira este fim de processo. O mesmo eu diria a meu irmão Geraldo.

Agradeço também aos professores e professoras do Departamento de Educação que não só me ajudaram a me formar como pesquisador e professor, mas também me introduziram na arte da convivência das diversas teorias, do pluralismo acadêmico, das diferentes olhares e práticas. Em especial, à Prof^a Vera Candau, o meu muito obrigado pelas inúmeras oportunidades criadas, pelo incentivo sempre amoroso e vigoroso e por partilhar os sonhos de uma cidadania

ativa e comprometida. Ao Prof^o Leandro Konder, pelo apoio delicado e incondicional, pela acuidade intelectual e generosidade como orientador, e, no grande que é, por fazer-me sentir um locutor válido em suas aulas e durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Não posso deixar de citar a amizade de Ana Waleska e Rosália Duarte, o empenho de Zaia Brandão, Alicia Bonamino e Sonia Kramer como coordenadoras da pós-graduação durante estes anos de meu doutoramento e a disponibilidade de Ralph Bannell para ler este trabalho.

Agradeço aos membros da banca examinadora. Ao Prof^o Eduardo Jardim, um antigo mestre que sempre me impressionou pelo vigor com que pensa. A ele agradeço ainda pela tarefa de iniciar-me na leitura da obra de Hannah Arendt, há quase 15 anos. Agradeço a disponibilidade da Prof^a Roseli Fischmann, do Prof^o Jovino Pizzi e da Prof^a Carmen Teresa Gabriel, que com admirável presteza acolheram o convite para compor a banca. Nesta oportunidade agradeço também à Prof^a Adela Cortina que me acolheu e orientou durante um ano na Universidade de Valencia, bem como o Prof^o Juan Carlos Siurana e o Prof^o Jesús Conill.

Por vezes o doutoramento parece uma tarefa solitária, ainda mais numa pesquisa teórica, com dias inteiros de intensas leituras e difíceis exercícios de síntese e escrita. No entanto, alguns companheiros na aventura da pós-graduação ajudaram este sentimento ser um pouco mais brando. Assim, agradeço a Adélia Koff, Mônica Almeida, Stela Guedes Caputo, Augusto Lima, Maria das Graças Nascimento, Cláudia Miranda, Rosa Neves, Tereza Cavalcanti, Artur Motta, Cláudia Fernandes, Patrícia Lacerda, Rose Reis, Cláudia Hernandez, entre outros/as.

Aos companheiros da Novamerica, o meu muito obrigado pelo incentivo, amizade e compreensão que facilitaram profundamente a realização deste trabalho principalmente o tempo que estive em além-mar. Agradeço à Susana Sacavino, Maria da Consolação Lucinda, Gilda Batista, Sandra Marcelino, Marilena Guersola, Laura Mello, Iliana Paulo, Cinthia Araujo, Rosaline Silva, Rogério Cardoso, Alexandre Firmino, Rafael França, Zélia Mediano, Cleonice Biró-Loquê, Veridiana Soares, Marcelo Felipe e Verônica Mendes.

Um agradecimento especial a Cecília Botana e suas dedicadíssimas aulas de castelhano. *Gracias, maestra!*

Agradeço aos amigos do Movimento Ética na Política de Volta Redonda, em especial a José Maria da Silva, Maria Castro, Goretti Donato, Fátima Pinta, Rosimere Mudesto e Maria Perpétua Bragança, entre tantos outros/as que seguem firmes na luta pela conquista de direitos e cidadania.

A experiência de estudante e de estrangeiro em Valencia e as dificuldades daquele difícil ano de 2005 não teriam sido toleráveis, humana e afetivamente, sem o apoio de Amparo Bellver, Pau Bellver, Cres Berta, Estrella Somoano, Isabel Marcoros, Ciça Andrade e Benito Sánchez. Agradeço os instigantes debates com Lelis Toledo, Albert Sansano, Martín Urquijo, Sandra Morales, Pablo Ayala, Daniela García, María José López, Paolo Stellino, Daniela Gallegos, Karla Inzunza e Carmen Marti.

Um agradecimento especial aos amigos e amigas Lourena Rocha, Caroline Rocha, José Luís Luz, Daniel Aloise, Ary Medino, Parham Salehiam, Márcia Felipe, Sidney e Vanessa Mendes, Beto Chocolate, Rosemary Fernandes, Nete Nascimento, Jussara Alves e Helena Araújo.

Agradeço o pensamento positivo, as energias do bem, as orações de muitas pessoas, mas, em especial, dos amigos da Comunidade Eclesial Santa Teresa de Ávila, em Volta Redonda. Meu muito obrigado à Antonieta Martins, Graça Ferreira, Sueli e Luiz Carlos Gama, Nietti e Hosano Chaves, Cláudia Pamponet, Isabel Martins, Marilene Pereira, José Geraldo Fernandes, Eliana Duca, Venício Oliveira, Edir Moreira entre muitos outros/as.

Agradeço ainda o apoio financeiro que, efetivamente, possibilitou a minha dedicação a esta pesquisa. Agradeço à CAPES e ao CNPq pelas bolsas concedidas.

RESUMO

Souza, Marcelo Gustavo Andrade de ; Konder, Leandro. **Tolerar é pouco? Por uma filosofia da Educação a partir do conceito de tolerância**, Rio de Janeiro, 2006. 315p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A tolerância, às vezes, é considerada uma atitude antipática de quem não quer aceitar e muito menos amar o outro, mas apenas suportar ou permitir, como um favor de condescendência, que o outro exista. Não é esta a perspectiva assumida nesta pesquisa. O conceito de tolerância se coloca cada vez mais na pauta de discussão porque a intolerância com a diferença tem sido uma realidade recorrente em nossas sociedades. Inegavelmente estamos caracterizados pela diferença e, não obstante, parece que não sabemos tratá-la. A humanidade – marcada dolorosamente pela escravidão dos negros, pelas guerras religiosas, pelo genocídio dos povos ameríndios, pelo holocausto dos judeus, pela aversão à homossexualidade e pela submissão das mulheres – busca não mais permitir as manifestações de intolerância com o diferente, pois a intolerância não é apenas questão de não aceitar as opiniões divergentes; ela é agressiva e com frequência assassina em seu ódio à diversidade alheia. Neste sentido, a educação tem um papel fundamental a desempenhar no embate por sociedades menos intolerantes e mais abertas às diferenças que dignamente nos constituem enquanto humanos. Porém, não se trata de uma educação qualquer. É imperativo que seja um projeto educacional capaz de entender e incorporar em sua prática pedagógica o valor da tolerância, que precisa ser fundamentado e consolidado. Minha pesquisa visa contribuir com esta demanda. Para isso, busquei refazer o desenvolvimento do conceito de tolerância, desde a Renascença até os tempos atuais, destacando o embate histórico entre intolerância e tolerância. Para explorar o conceito de intolerância utilizei o referencial teórico de Hannah Arendt, em especial o conceito de *banalidade do mal*. Para fundamentar o conceito de tolerância recorri ao pensamento de Adela Cortina sobre uma *ética de mínimos*. Meu trabalho, em

última instância, sustenta que tolerar não é pouco, mas, ao contrário, trata-se de um valor-atitude basilar, tanto no campo das normas éticas quanto no campo educacional. Tolerância é um mínimo moralmente exigível, aquele pouco que nos revela o fundamental. E o que é fundamental, na verdade, não é pouco, é sim o imprescindível, o valioso, o essencial, aquilo que em hipótese nenhuma pode faltar em nossas relações sociais e muito menos na prática educativa.

PALAVRAS-CHAVE

Tolerância / Intolerância / Banalidade do Mal / Ética de Mínimos / Educar para a Tolerância.

ABSTRACT

Souza, Marcelo Gustavo Andrade de ; Konder, Leandro. **Is to tolerate a little? For a philosophy of the education starting from the concept of tolerance**, Rio de Janeiro, 2006. 315p. Doctorate Dissertation – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Tolerance is sometimes considered the negative attitude of one who does not accept, much less love, another human being but is willing to put up with, or allow for, the existence of others by being condescending. The concept of tolerance has become a key debate topic since intolerance towards diversity is a recurring situation in society. Undoubtedly, diversity reflects our real identities but at the same time we seem unable to handle it. Humanity – painfully stained by black slavery, religious wars, native Indian genocide, the Jewish holocaust, and prejudice against homosexuality and against women – is no longer willing to allow for intolerance of diversity. Intolerance is not just a question of not accepting diverging opinions: hate is an aggressive perspective that is responsible for destroying diversity. Thus, education has an important role to play in the battle between less tolerant societies and those that are more open to human diversity. However, not just any kind of education will suffice. It is important to select an education project approach that offers a comprehensive definition of tolerance based on facts. My research study aims to fulfill that role. Therefore, I tried to offer a background on the concept of tolerance, from the Renaissance period until recent times, highlighting the historical battle between intolerance and tolerance. To further expand on the concept of intolerance I used as reference Hannah Arendt's research work, specifically selecting the concept of *banality of evil*. To further support this thesis, I referred to Adela Cortina's theories on *ethics of minimum requirements*. Ultimately, my paper states the thesis that tolerance represents a big step. It represents the basic belief-system both in the field of ethics and education. Tolerance is a moral minimum requirement, the basic building block which reveals what is fundamental. However, the definition of

fundamental is actually not what constitutes minimum requirement but, instead, what is considered invaluable, essential, and cannot be lacking in social interactions, much less in education.

KEYWORDS

Tolerance / Intolerance / Banality of Evil / Ethics of Minimum Requirements / Tolerance Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 Trajetória: para entender opções e deserções.	15
2 Justificativas.	18
2.1 – Um injusto rechaço.	18
2.2 – Tolerância e os ideários fundacionais do ocidente.	20
2.3 – Por que tolerância?	22
2.4 – Tolerância: entre a urgência e a necessidade.	24
2.5 – Tolerância: indiferença ou valorização da diferença?	27
3 Hipótese.	29
4 Objetivos.	30
5 Metodologia.	31
 CAPÍTULO 1	
INTOLERÂNCIA E TOLERÂNCIA:	
EMBATES AO LONGO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA	33
1.1 Tolerância: da Renascença à Ilustração.	35
1.1.1 – Erasmo de Rotterdam: combater pelo testemunho.	37
1.1.2 – Thomas More: a tolerância utópica.	38
1.1.3 – Sebastián Castellion: entre Roma e Genebra.	39
1.1.4 – Dirck Coornhert: de volta ao refúgio holandês.	41
1.2 Locke: princípios de liberalismo político.	45
1.2.1 – Carta ou cartas?	46
1.2.2 – Várias cartas. Um destino certo.	48
1.2.3 – Uma coisa é a Igreja, outra a comunidade.	49
1.2.4 – Tolerância significa aceitação de tudo?	53
1.2.5 – Tolerância, indiferença e diversidade.	55
1.3 Voltaire: a Ilustração militante.	57
1.3.1 – Intolerância: o caso Jean Calas.	58
1.3.2 – Tolerância: casos exemplares.	60
1.3.3 – Seria o cristianismo fundamentalmente intolerante?	62
1.3.4 – Por uma fé secular.	64
1.3.5 – O que não pode ser tolerado?	66
1.3.6 – Entre a Carta e o Tratado.	68
1.4 Igualdade e liberdade: heranças modernas.	71
1.4.1 – Graco Babeuf: a santa e perfeita igualdade.	72
1.4.2 – Stuart Mill: amálgama entre liberdade e individualidade.	76
1.5 Retomando o mapa: para onde sigo?	81

CAPÍTULO 2	
TOLERÂNCIA: NOTAS CONTEMPORÂNEAS	83
2.1 Tolerância ressignificada.	84
2.1.1 – Karl Popper: uma certeza indefinida.	84
2.1.2 – John Rawls: a retomada da tolerância liberal.	90
2.1.3 – Norberto Bobbio: tolerância como serenidade.	95
2.1.4 – Michael Walzer: igualitarismo e pluralismo.	104
2.2 A tolerância em questão.	112
2.2.1 – A ONU e uma tradição tolerante.	113
(a) Declaração de Princípios Sobre a Tolerância (1995).	116
(b) Declaração de Durban (2001).	121
2.2.2 – A filosofia discute a tolerância: parecer de um congressista em Lima.	127
(a) O que é a tolerância?	130
(b) A intolerância e sua superação.	136
(c) Pluralismo, diferença e tolerância.	139
(d) Tolerância: entre limitações e críticas.	144
2.3 De novo com o mapa nas mãos.	148
 CAPÍTULO 3	
PARA PENSAR A INTOLERÂNCIA:	
HANNAH ARENDT E A BANALIDADE DO MAL	151
3.1 A companhia de uma senhora ou uma senhora companhia?	153
3.2 A banalidade do mal e o vazio do pensamento.	157
3.2.1 – Um livro e muitas polêmicas.	158
3.2.2 – O julgamento: entre os limites do inédito.	160
3.2.3 – O homem na cabine de vidro: monstro ou palhaço?	164
3.2.4 – O mal sem motivos.	168
3.2.5 – A banalidade e suas implicações morais.	173
3.2.6 – Com um fenômeno nas mãos...	181
3.3 Pensamento e considerações morais.	182
3.3.1 – A irreflexão como causa da banalidade do mal.	182
3.3.2 – Superar a Tradição e a Ilustração.	185
3.3.3 – Kant: limites entre conhecimento e pensamento.	187
3.3.4 – Pensamento: possibilidades e significados.	191
3.3.5 – O mundo das aparências.	193
3.3.6 – Invisibilidade e retirada do mundo.	197
3.3.7 – O não-lugar do pensamento.	200
3.3.8 – Sócrates e o diálogo interno.	204
3.4 Educar na perspectiva do pensamento: contribuições arendtianas.	211

CAPÍTULO 4	
PARA PENSAR A TOLERÂNCIA:	
UMA APROXIMAÇÃO À ESCOLA DE VALENCIA	217
4.1 Para fundamentar a moral e a ética.	218
4.1.1 – Ética e moral: similitudes e distinções.	218
4.1.2 – Da aplicabilidade da ética.	221
4.2 Ética do discurso: uma opção.	223
4.2.1 – Seres absolutamente valiosos.	224
4.2.2 – Por que uma ética de camelo?	226
4.2.3 – Diálogo: a lógica intersubjetiva como centro do dever.	229
4.2.4 – Por um diálogo em condições ideais.	231
4.2.5 – Por uma busca justa de satisfação de interesses.	233
4.2.6 – Dever, diálogo e educação.	235
4.3 Ética Cívica: entre a justiça e a felicidade.	238
4.3.1 – Ética Cívica: do monismo moral ao pluralismo axiológico.	238
4.3.2 – Ética Cívica: entre mínimos e máximos.	242
4.3.3 – Ética Mínima: esclarecimentos de percurso.	245
4.3.4 – Entre o justo e o bom.	246
4.3.5 – A justiça e seus mandados.	248
(a) O contratualismo liberal de John Rawls.	249
(b) A igualdade complexa de Michael Walzer.	251
(c) A ética do discurso de Habermas e Apel.	254
4.3.6 – A felicidade como possibilidade do ir além.	259
4.3.7 – O jogo cooperativo entre mínimos e máximos.	262
4.4 Ética cívica e tolerância.	266
4.5 Ética cívica e a tarefa educativa.	272
CONSIDERAÇÕES FINAIS	279
1 Tolerar não é pouco: igualdade, liberdade e diferença.	279
2 Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância.	285
ANEXOS	291
I Notas históricas sobre o conceito de justiça.	291
II Notas históricas sobre o conceito de felicidade.	295
BIBLIOGRAFIA	303

Ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a viver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente. (...) Nós somos tão diferentes que tivemos que criar o valor da igualdade. E sem tolerância não se faz isso, quer dizer, tolerância enquanto essa capacidade que a gente tem e que inclusive cria. Ninguém é tolerante porque nasceu tolerante. A gente se torna tolerante ou a gente se torna intolerante. Daí a possibilidade pedagógica para trabalhar a tolerância.

Paulo Freire

A Tolerância na Educação
Rio de Janeiro, IFCS, 12/09/1994.